

Esquizo encontra mulher fatal*

Suely Rolnik**

*O Homem da Linha*¹, uma turbulência na massa amorfa de clichês de homem/mulher/amor que povoam o circuito de vídeo.

Ela é uma *femme fatale* à francesa como manda o melhor dos figurinos cinematográficos. Impecável, até trem inclui em seu *décor*. É, aliás, num trem que o filme começa: compenetrada, ela arranca folhas de uma caderneta, prováveis traços de sua memória. Sua viagem parece ser a de uma ruptura com o passado: de salto alto e meia de seda, ela desce do trem (por engano?) num fim de mundo coberto de neve. Lá, solitário, vive o homem da linha.

Ele, quando a vê, aproxima-se desconfiado. Ela, ao vê-lo aproximar-se, reage automaticamente, retocando o batom. Primeira dissonância: seus sinais de sedução não repercutem nele. Logo se perceberá por quê: o homem da linha não dispõe do repertório de identificação que lhe permita decifrar os gestos da mulher como sendo de desejo. E o repertório de puro clichê lhe é ainda mais desconhecido.

Já neste primeiro encontro somos tocados pelo impacto de sua diferença. Ela, uma *femme fatale*, envolta em rendas, tules, sedas, peles e plumas. Ele, um homem rude, que compõe seu território através de um rigoroso ritual, cujos elementos são, exclusivamente, a paisagem e a parafernália mecânica com a qual controla a linha de ferro (esta é sua função). A sexualidade dele é cósmica: inteiramente desterritorializada da humana divisão dos sexos. É íntimo dos sons, cheiros, temperaturas, texturas, vibrações... Um exemplo: detecta a que distância se encontra o trem, ouvindo a reverberação das máquinas nas linhas de ferro. Os

* Reelaboração de um texto publicado originalmente na "Ilustrada", *Folha de São Paulo*.

** Psicanalista. Professora Titular da PUC/SP (Núcleo de Estudos e Pesquisas da Subjetividade do Pós-Graduação de Psicologia Clínica). Autora de ensaios, coletâneas e dos livros *Cartografia Sentimental*, *Transformações contemporâneas do desejo* (Ed. Estação Liberdade, 1989) e, em co-autoria com Félix Guattari, *Micropolítica. Cartografias do desejo* (Ed. Vozes, 3a ed. 1993).

¹ "De Wisseiwachter", filme de Jos Stelling. Holanda, 1986.

humanos, para ele, são como bichos ou coisas. Há, basicamente, duas espécies de elementos no universo: aqueles que podem compôr seu território e aqueles que trazem desarmonia, os quais ele simplesmente elimina de sua paisagem. Por isso os primeiros sinais da mulher só lhe interessam enquanto lhe permitem sondar se há ali uma possibilidade de bom encontro.

Após um período de desconfiança, ele resolve deixá-la entrar. Os dados estão lançados. A irrupção daquela mulher na vida dele é uma revolução em seu universo cósmico-mecânico. A irrupção daquele homem na vida dela é uma revolução de seu passado - não só dos fatos, mas principalmente de sua subjetividade histórico-urbana, versão *glamour*.

Inicia-se a metamorfose. Através de uma lenta e silenciosa aproximação, eles irão expandir sua sensualidade de macho e fêmea polimorfos, além e aquém das imagens clichês.

Mas há um homem da lei - fiscal/policial/carteiro/burocrata - que vem anunciar o fim desse encontro. Ele sim é sensível aos sinais de sedução da mulher e a deseja. Um terceiro introduz-se entre eles; sua presença desejante denuncia a ilusão do mundo de dois que haviam criado. Desencadeia-se uma guerra entre os machos, na qual ambos serão perdedores. O homem da linha assassina o homem da lei, concretamente. Mas o homem da lei termina, também concretamente, com a possibilidade de vida do homem da linha: ele é o portador da carta oficial que anuncia que o trem não passará mais por ali.

O homem da linha e a *femme fatale* chegaram ao limite possível de seu encontro. Nesse momento, e só nele, ela se oferece para a penetração. Frígida, espera que ele goze. Reconstitui-se seu corpo histórico-urbano. Ela vai embora no último trem.

Ele agora conhece a ausência. Chora e lambe suas próprias lágrimas e o suor dela em seu rosto, descobrindo o sabor salgado da dor. Espaço e tempo humanos introduzem-se em sua vida. Descobre passado e presente. O antes e o depois dela. O antes e o depois da parafernália da estrada de ferro com a qual cumpria, mecanicamente, sua função de homem da linha. A vida perde sentido como se tivesse se apagado. Quando ela está por ir embora, até seu grito - cujo

eco na paisagem o fazia reconhecer a si e à natureza como uma só e mesma coisa - não ecoa mais. Depois que ela se vai, seu grito nem sequer mais soa.

A ausência, para o homem da linha, não funciona como o humano motor do desejo para a constituição de um novo território. Para ele não há futuro. Só lhe resta a morte, vivida como eternização da presença dela. Na descrição do amigo maquinista, sexo de mulher é como musgo fresco. E é com musgo fresco que ele recobre a cama dela sobre a qual se deitará para sempre, acolhido pelo cheiro, umidade e textura de sua relva-vulva.

Observação: ainda bem que as palavras pouco ou nada importam no filme, pois na legenda há erros do tipo *merci* (obrigado) traduzido por "Luci". Recomenda-se ignorar a tradução.